

JÚLIO DANTAS

ELOGIO  
DO  
SORRISO



LELLO & IRMÃO — EDITORES

10-116-40  
6326

JÚLIO DANTAS

# Elogio do sorriso

- I. — COMÉDIA POLÍTICA  
II. — COMÉDIA DO AMOR

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO



1948

LIVRARIA LELLO & IRMÃO, EDITORES  
144, Rua das Carmelitas — PORTO  
AILLAUD & LELLOS, LIMITADA  
Rua do Carmo, 80 a 84 — LISBOA



Os episódios, reunidos no presente volume sob a forma sintética de diálogos, são comentários breves, inofensivos e irônicos à comédia política e à comédia social do nosso tempo. A sua única originalidade está em que não os escrevi verberando, nem flagelando, nem mesmo rindo, — mas apenas, levemente, sorrindo. Definem uma atitude mental de benevolência, de optimismo, de tolerância, de suave resignação perante os acontecimentos, os problemas e os homens. Desde o lar até à praça pública, desde a literatura até à vida, — o sorriso está em crise. Reabilitemo-lo. Sorrir é compreender, é absolver, é — já o dizia Bergson — educar. Deixemos, por momentos, o livro que pesa, que fatiga, que

mortifica, — reflexo da secura, da tristeza, da aridez, da grosseria taciturna, da esterilidade moral da hora em que vivemos. Lancemos mão do livro ligeiro, do livro que sorri, do «livro que dança» (como lhe chamava Nietzsche), do livro que não precisa de turvar a sua água para nos dar a impressão de que ela é profunda, e que às vezes nos diz coisas imprevistas porque não teve a preocupação de as dizer extraordinárias. O Mundo está cansado de ver, na literatura que se inspira em ideias e em factos políticos, a mensagem do ódio, da violência e da paixão. Este livro, já que não pode ser a justificação dos homens, — será, ao menos, o elogio do sorriso.

J. D.

COMÉDIA POLÍTICA

A SOCIEDADE DAS NAÇÕES  
NA FLORESTA

## A SOCIEDADE DAS NAÇÕES NA FLORESTA

*Extensa clareira, na floresta. Representantes de todos os animais da criação, convocados para a assembleia, fazem círculo. Ao fundo, sobre um penedo, imóvel, solene, olimpico, envolto na sua juba fulva, o LEÃO preside, tendo de um lado o TIGRE, a PANTERA e o LOBO, do outro a HIENA, o ELEFANTE e o URSO. Como um disco de cobre em brasa, o sol declina. De súbito, o LEÃO sacode a juba. Faz-se o silêncio. A última a chegar, envergonhada, é a TARTARUGA.*

LEÃO. — Está aberta a sessão.

BÚFALO. — Em que língua podemos falar?

PANTERA. — Na língua do Leão ou do Tigre, que são as únicas universalmente admitidas.

PAPAGAIO. — Não me é permitido usar da linguagem humana?

TIGRE. — O homem é um animal feroz. Não queremos nada de comum com ele.

ELEFANTE. — Fale cada um como puder.

CAMELO. — Mas que viemos nós fazer aqui?

TIGRE. — Silêncio ! O Leão vai pronunciar o seu discurso.

LEÃO, *em attitude oratória*. — Meus amigos !

VEADO. — Chama-nos amigos, e amanhã devora-nos.

LEÃO. — Meus irmãos ! Nós precisamos de organizar a família animal do Universo. Nós precisamos de defender-nos da ferocidade do homem. É necessário progredir. É indispensável civilizar a floresta.

HIENA. — Apoiado.

LEÃO. — Noutro tempo, antes do pecado original, os animais viviam felizes, no Eden deslumbrante, perto de Deus. Mas o pecado do homem caiu sobre nós. E, desde a Idade de ouro até hoje, os animais têm expiado, amargamente, culpas que não cometeram.

LOBO. — Não as cometeria também a Serpente?

SERPENTE. — Protesto. É mentira do Génesis. Eu não tive a menor responsabilidade no

caso da maçã. O culpado foi o homem, que é o animal mais repugnante da criação.

LEÃO. — Ninguém duvida, nem da corrupção do homem, nem da inocência da Serpente. — Nós reunimo-nos aqui, nesta clareira da floresta da Líbia, para decidir dos nossos destinos. Somos as vítimas do pecado de Adão. Ao passo que os homens, animais perigosos e ferocíssimos, souberam, distribuindo-se em grupos, em tribos, em comunas, em reinos e em impérios, dominar a Natureza e afrontar o próprio poder de Deus, nós continuamos dispersos, fracos, perseguidos, expostos à crueldade — que o diga o Lobo! — e à voracidade — que o diga o Boi! — de um animal inferior, que não tem, nem os nossos músculos, nem a nossa juba. Organizemo-nos, meus amigos. Se o fizermos, a garra do Leão pesará sobre o Mundo!

TARTARUGA. — O pior é que nem todos nós somos leões.

SAPO. — Se eu um dia pudesse esmagar com os pés um homem!

LEÃO. — Os mais fortes defenderão os mais fracos. Os animais conhecerão a fraternidade

pequenos hão-de ser sempre, mais tarde ou mais cedo, esmagados pelos grandes.

*Os animais abandonam, pouco a pouco, a clareira, e abrigam-se sob as frondes das árvores seculares. Ficam sós, conversando, o LEÃO, o TIGRE, a PANTERA, o URSO, o ELEFANTE e o LOBO. Rompe o luar.*

PANTERA. — Estou mal do estômago. Deve ser fraqueza.

URSO. — Então nós não comemos?

ELEFANTE. — A mim não me faz diferença. (Ao LEÃO). Mas, realmente, tu gostas de fruta, amigo?

LEÃO. — Entendamo-nos. Em política, uma coisa são as afirmações, outras as realidades. Eu sou pragmático, como William James. Podemos comer, é claro, — mas moderadamente.

URSO. — Moderadamente? Tu queres que eu, com este tamanho, me sustente de bonbons?

TIGRE. — Silêncio !

LEÃO. — Devagar. Cada um por seu lado, — e bom apetite !

ELEFANTE, *vendo-os afastar-se, como sombras sinistras.* — Ai dos fracos !

## PSICOLOGIA DA NEUTRALIDADE

O HOMEM QUE NÃO PODE  
COM O MUNDO

## O HOMEM QUE NÃO PODE COM O MUNDO

ATLAS, *gigante mitológico, felpudo e nu, aparece diante de JÚPITER. Traz sobre os ombros o Mundo, e tem o aspecto de um titán misantropo e fatigado.*

JÚPITER. — Pediste-me que te chamasse à minha presença. Que queres tu?

ATLAS. — Parece-me que já é tempo de descansar, meu pai.

JÚPITER. — Desde que apoiaste a revolta dos titãs, deixaste de ser meu filho.

ATLAS. — Isso passou-se há tanto tempo, Júpiter, que já nada resta na memória dos homens.

JÚPITER. — Mas tudo permanece na memória dos deuses. De que estás tu fatigado?

ATLAS. — Júpiter, basta olhar para mim.

JÚPITER. — Cansaste-te de ser rei?

## OS DOIS JAPONESES

## OS DOIS JAPONESES

*Interior japonês. Biombos de papel. Na parede, um kakémono colorido. Em cima de um cofre de laca doirada, um Buda de bronze. Dois japoneses, acorados sobre esteiras, conversam, junto do vaso de cobre onde fumega o chá. SHIKÔ, mais velho, gordo, pacífico, cerimonioso, grossas meias de lã, pequena pêra grisalha, tem sobre os ombros um haori verde-escuro e na cabeça um chapéu de palha europeu. ARITA, mais novo, é seco, nervoso, risonho, vulgar como um boneco japonês de porcelana. Pela porta do fundo, aberta, vê-se a montanha, coroada de cedros vermelhos.*

ARITA. — Sim. Parece que, efectivamente, fomos vencidos.

cedros imóveis. Arita, vamos caçar borboletas?

ARITA. — Parece-te que ainda haverá borboletas, com tantas bombas que lançaram sobre o Japão?

SHIKÔ, *calçando os socos*. — As bombas não destroem o que é imortal. O Japão é imortal.

ARITA. — É pena que as mulheres o não sejam, também. Achas que Buda teve razão quando negou a imortalidade à mulher?

SHIKÔ. — Se lhe negou a imortalidade, é porque ela não pertence à espécie humana.

ARITA. — Não precisa de pertencer à espécie humana para que seja um prodígio da criação.

SHIKÔ. — As borboletas, que voam sobre as azáleas, também são belas e não são humanas. Onde está o caçador, que se contente com uma só?

ARITA. — Portanto, Shikô, não cumprimos a lei.

SHIKÔ. — Não cumprimos a lei.

## REFUGIADOS POLÍTICOS

## REFUGIADOS POLÍTICOS

*Salão de chá. Deram cinco horas. Sentado a uma das mesas, na penumbra discreta, PIETER VAN DRIEL, quarenta anos, loiro, forte, expressão enérgica, olhos verdes de brilho metálico, tem o ar de quem espera alguém. Daí a pouco entra SÓNIA KONOPKA, trinta anos, tipo de beleza nórdica, alta, escultural, quase atlética, cabelos platina-dos, uma capa de raposas azuis sobre os ombros.*

*SÓNIA, dirigindo-se a PIETER. — Boa tarde. PIETER, levantando-se. — Já não a esperava.*

*SÓNIA. — Venho atrasada meia hora. Desculpe-me.*

*PIETER, beijando-lhe a mão. — As suas mãos tremem.*

SÓNIA. — Esteja tranquilo. Não ouvi nada do que disse.

PIETER, *baixo*. — É preciso que eu continue a ser, para toda a gente, Pieter van Driel...

SÓNIA. — Não ouvi nada. Nada.

PIETER. — Holandês. Compreendeu? Holandês...

SÓNIA, *num sorriso forçado*. — Até logo, Pieter. Obrigada pelo seu cocktail.

PIETER, *beijando-lhe a mão*. — Até logo, Sónia.

## NÃO MATARAS

## NÃO MATARÁS !

*Um deserto. Os esqueletos de dois soldados, BOB e UGO, expressivos como os da dança dos mortos de Holbein, estão estendidos sobre a areia, perto um do outro. Ao lado, duas espingardas ; junto dos crânios, dois capacetes de aço ; em volta, farrapos de uniformes. Manhã de sol. Um corvo revoa, em círculos, sobre aqueles tristes despojos humanos.*

BOB, ao corvo que lhe pousa sobre os ossos.  
— Já te disse, amigo, que não tenho mais que devorar. Deixa-me em paz.

UGO, num movimento brusco, sentando-se.  
— Quem fala aí em paz?

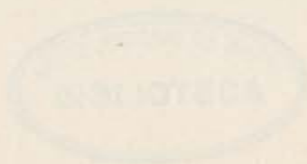
BOB. — Bom dia, camarada. Sou eu.

UGO. — O Mundo já está em paz?

BOB. — Sou eu que peço a este corvo res-



## REIS EM FÉRIAS



## REIS EM FÉRIAS

*Salão, no Grande Hotel onde se encontra, com o seu séquito, um rei exilado. O SENHOR X., calvo, solene, sobrecasaca preta, chapéu alto, entrega o seu cartão a um criado de libré, e espera. O criado, que volta daí a pouco, perfila-se, junto da porta, para dar passagem a um homem gordo, elegante, cinquenta anos, barba loira em ponta, movimentos bruscos, aspecto de personagem considerável.*

O SENHOR X., *curvando-se, respeitoso.* — Sire! Encontro-me, decerto, em presença de Sua Majestade...

A PERSONAGEM. — É a pessoa que pediu ontem audiência, por intermédio da Legação?

O SENHOR X. — Eu próprio.

A PERSONAGEM. — Queira sentar-se. (*Sentam-se ambos*). Não conhece o rei?



## GOVERNO DE COMPETÊNCIAS

## GOVERNO DE COMPETÊNCIAS

ganhei. Vossa Majestade não se zanga comigo, não é verdade?

O MONARCA. — Não. De modo nenhum.

O OPORTUNISTA. — Que é Vossa Majestade, senão o primeiro político do seu país?

O MONARCA. — Sim, que sou eu, senão o primeiro boneco deste reino?

COMÉDIA DO AMOR



## TEORIA DA LIBERDADE

*Sala-de-fumar. ELE e ELA, casados há poucos meses, acabaram de jantar e vêm tomar o café. ELE, engenheiro, 35 anos, robusto, moreno, um pouco calvo, veste o smoking com distinção ; ELA, 25 anos, esbelta, ondulante, loira, linha moderna, braços longos e esplêndidamente nus, tem o sex-appeal e os olhos verdes terríveis das mulheres de Van Dongen. Segue-os o CRIADO. — Luz velada. Poltronas. Livros.*

CRIADO. — Sirvo o café?

ELA. — Não achas melhor no meu quarto de vestir?

ELE. — Não.

ELA. — Estávamos mais confortavelmente.

ELE. — Encho-te o quarto de fumo.

ELA. — Abre-se a janela.

ELA. — A liberdade é como os vestidos novos. Quando os tenho, não me apetece usá-los.

ELE. — És incompreensível.

ELA. — Sou mulher.

ELE. — És caprichosa.

ELA, *tirando-lhe o cigarro da boca, e fumando.* — Sou livre !

## AS GIRLS

## AS GIRLS

O mais elegante music-hall de Londres, herdeiro do Prince's. Em volta da sala, na meia obscuridade de um velário azul, pequenas mesas onde ceiam alegremente ingleses de casaca e inglesas decotadas. Sobre o palco, ao fundo, projecta-se um foco de luz azul. Tapete de cauchu no meio da sala. A uma das mesas, dois portuguezes elegantes: o mais velho, VISCONDE DE \*\*\*, quarenta anos, forte, distinto, levemente desdenhoso, precocemente envelhecido; o mais novo, CHICO, vinte e cinco anos, nervoso, trigueiro, perfil seco de medalha romana onde chispa o vidro de um monóculo. Vestem ambos irrepreensivelmente a dinner-jacket. O SOMMELIER, de avental preto, à francesa, entrega ao VISCONDE a lista dos vinhos.

## LUAR DE OUTONO

## LUAR DE OUTONO

*Em casa dos Condes de \*\*\*. Sala-de-estar. Junto de uma grande chaminé de mármore, dois Maples. Num deles senta-se a CONDESSA, 45 anos, beleza olímpica, cabelos platinados, expressão enérgica, olhos pintados de azul onde se adivinha uma indiscreta sombra de fadiga. O CONDE, 50 anos, alto, magro, elegante, pequeno bigode ruivo que contrasta com os cabelos grisalhos, passeia na sala, preocupado, fumando. Um velho CRIADO serve os cocktails.*

ELA. — As flores foram todas no automóvel, José?

O CRIADO. — Não, senhora Condessa. Ainda ficaram algumas.

ELA. — Traga-mas. — Diga a *fräulein* Rose

ELA. — É melhor ficar.

O CRIADO, *entrando, com um braçado de rosas.* — Onde ponho as flores, senhora Condesa?

ELA, *depois de um instante de hesitação.* — No meu quarto.

## OS CRAVOS VERMELHOS

### OS CRAVOS VERMELHOS

## OS CRAVOS VERMELHOS

Quarto de vestir de uma mulher elegante. Paredes forradas de seda amarela. Móveis Império, mogno e bronze. A penumbra doirada da tarde brinca nos cristais e nos espelhos. A MÃE, quarenta e poucos anos, fulva, imponente, grandiosa como uma mulher da Renascença italiana, ainda bela no seu luto opulento de viúva, está vestida para sair e acaba de dar os últimos toques de pintura na boca e nos olhos. Sobre a pedra negra da credência, numa urna de Sèvres, um ramo de cravos vermelhos. A um canto, abre-se o bocejo amarelo de um canapé Récamier. Por detrás da tapeçaria, que resguarda a porta, assoma o FILHO, rapaz de vinte anos, loiro, aristocrático, triste, rigorosamente vestido de luto.

a meu pai? Jurar-lhe, baixinho, perto do coração?

A MÃE. — Ele, felizmente, já não te ouve.

O FILHO. — Vou dizer-lhe que, no dia em que tu te casares, meto uma bala na cabeça. (*Sai, a chorar e a beijar as flores*). Adeus, mamã...

A MÃE, *rompendo em soluços quando o filho sai*. — Oh, meu Deus!

## CRIADORES DE ILUSÕES

A IRMÃ, *mortalmente pálida, ao MÉDICO, quando o irmão sai.* — Compreendi tudo, senhor doutor.

O MÉDICO, *baixo, à IRMÃ.* — Está perdido. Nem uma palavra.

O CÔNEGO, *assomando à porta.* — Vamos?

A IRMÃ, *despedindo-se do MÉDICO, e dissimulando, num sorriso, a dor que a punge.* — Obrigada, senhor doutor, pela grande alegria que deu a meu irmão.

## AMIGAS ÍNTIMAS

especial a minha mulher, que vai colocar-te em sérias dificuldades a ti. Lamento-o sinceramente. Estava escrito que havia de ser eu o primeiro a pagar a multa. (*Tirando um papel da carteira*). Aqui tens o meu cheque.

JEMMY. — Eu também aqui tenho outro cheque para te dar.

MAX. — Tu?

JEMMY. — Também faltei à nossa combinação.

MAX. — Mas, que ofereceste tu a tua mulher?

JEMMY. — O mesmo que tu ofereceste à tua.

MAX. — Deveras?

JEMMY. — Desta vez, meu caro Max, foram as nossas mulheres que se entenderam. Quando mandares vir a tua *nurse* de Inglaterra, arranja-me outra para mim.

MAX. — Jemmy, as nossas mulheres são admiráveis! — Que havemos de lhes dar agora, com estas cem libras?

JEMMY. — Dois berços iguais, Max.

